



**PIEIDADE E OBEDIÊNCIA: O BEM MORRER NA VISÃO DE RAMON LLULL
NA OBRA DOCTRINA PARA CRIANÇAS (1274-1276)**

Priscila Viegas dos Santos¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra Doutrina para crianças (1274-1276) do filósofo Ramon Llull, que dedicou o texto ao seu filho Domingos. Llull descreveu para sua progênie o caminho que o homem deveria seguir para conquistar a salvação quando chegasse o momento da morte. Dessa forma, a partir de uma análise semântica, tentei entender quais as noções que nortearam o autor a descrever o significado da morte.

Palavras-chave: Ramon Llull, Salvação, Morrer, Piedade, Obediência.

Abstract: The following article intends to analyze the philosopher Ramon Llull's *Doctrina Pueril* (1274-1276), who dedicated it to his son, Domingos. Llull wrote to his offspring the path that mankind should follow in order to achieve salvation upon the moment of his death. Therefore, from a semantic analysis, I tried to understand what notions guided the author's description of the meaning of death.

Keywords: Ramon Llull, Salvation, Dying, Piety, Obedience

¹ Bacharel em História pela UNIFAP. E-mail: pri.viegas@outlook.com

O século XIII foi considerado segundo alguns autores como o século do apogeu do Ocidente medieval (LE GOFF, 2007), pois nele ocorreram significativas transformações sociais que contribuíram para a formação da Europa que conhecemos hoje. Este crescimento social e cultural ocorreu a partir dos centros urbanos, isto é, as cidades. Para além do crescimento urbano, o Ocidente medieval teve êxito no comércio, na questão do saber com a criação das escolas e das universidades e, por fim, na criação das ordens mendicantes, “que formam a nova sociedade e remodelam profundamente o cristianismo que ela professa” (LE GOFF, 2007: 144).

O crescimento econômico gerado pelo nascimento das cidades e as trocas culturais graças ao aumento de circulação de pessoas, das relações comerciais e do avanço da Cristandade em decorrência das *Cruzadas* foram de significativa importância para o estabelecimento de um novo panorama social medieval. No século XII surgiram as escolas, e no século XIII nasceram as universidades, locais onde essa nova camada social, a dos intelectuais, foi formada.

A elite intelectual era formada majoritariamente por religiosos, pois na Idade Média “a maior parte das escolas e das universidades do Ocidente foram instituições eclesiásticas ou controladas pela Igreja” (VERGER, 1999: 144). A ordem dos frades mendicantes surgiu, nesse contexto, do nascimento das universidades. Os frades mendicantes saíam às ruas e pregavam a palavra do Senhor. Um dos assuntos mais recorrentes foi o tema sobre o inferno e o martírio que inspirou muitos cristãos a saírem pelo mundo pregando a palavra de Deus. “Por esse motivo, o século XIII foi definido como “o século do otimismo.” (COSTA, 2006: 4)

Devido ao grande crescimento econômico ocorrido nesses séculos, muitos cristãos cometiam o pecado da usura, erro combatido fortemente pela Igreja. O crescimento da economia, portanto, dava mais oportunidades aos fieis de se entregarem aos prazeres terrestres, correndo o risco de deixar de lado o momento de morrer, etapa crucial que significava romper com a vida terrestre e passar a viver no Além. Essa foi uma das inquietações sentidas pela sociedade ao ouvirem os sermões a cerca da existência do inferno. Por medo do inferno, muitos temiam a morte.

Como forma de cumprirem suas penitências e assim conquistarem o perdão divino, surgiram as *peregrinações*, que tinham como objetivo peregrinarem pelos lugares santos em busca do milagre, em um processo de fortalecimento da religiosidade.

Esse fenômeno não atraiu apenas interessados em questões religiosas: as peregrinações envolveram outros grupos, como ladrões e prostitutas, além de jovens que viam uma oportunidade de conhecer novos lugares na busca de aventuras (BONNASSIE, 1985: 168).

Essas peregrinações transformaram-se em *Cruzadas* a partir do século XI, pois se entende que a partir do ano 1000 as peregrinações foram tanto uma consequência do crescimento demográfico quanto uma manifestação de curiosidades despertadas e como um fato atenuante da compartimentação da vida social (BONNASSIE, 1985: 168).

No início, semelhante às peregrinações, as *Cruzadas* se dirigiram para Jerusalém com o objetivo de recuperar os lugares santos ocupados pelos muçulmanos. Hilário Franco Júnior, que produziu uma obra sobre elas, resumidamente concluiu que as Cruzadas foram expedições militares empreendidas contra os inimigos da Cristandade e por isso legitimadas pela Igreja, que concedia aos participantes privilégios espirituais e materiais (FRANCO JÚNIOR, 1989, 7-8). A palavra “cruzada” estava relacionada ao fato dos cruzados se considerarem soldados de Cristo, e assim bordavam uma cruz na roupa o que, segundo Le Goff (2005: 67), representava um símbolo de triunfo, e não de sofrimento.

A exemplo do que ocorreu a partir do século XI, outros motivos impulsionaram o avanço da Cristandade como, por exemplo, os desdobramentos demográficos e econômicos, que caracterizaram, entre outras movimentações humanas, a expedição dos alemães que ocupavam as fronteiras cristãs do Norte e Leste que atacam seus vizinhos eslavos mesmo após se converterem ao cristianismo. As expedições cristãs traçaram um novo mapa do Ocidente devido às migrações, que desejava, entre outros objetivos, cristianizar os povos pagãos; dessas migrações, a mais importante é sem dúvida a colonização alemã ao Leste (LE GOFF, 2005: 62), que ficou caracterizada por seu aspecto político.

O processo de recuperação dos territórios pelos cristãos na Península Ibérica, por sua vez, ficou conhecido como *Reconquista*. Qualquer retomada de territórios coordenada pela Cristandade poderia ser considerada como um tipo de reconquista, considerando vários movimentos semelhantes que ocorreram no contexto europeu; porém, a mais expressiva devida suas consequências foi a Reconquista Ibérica (BONNASSIE, 1985: 180). Porém, a origem do termo reconquista não se encontra no

sentido religioso e nem político, “nasce do excesso populacional dos refúgios montanhosos cantábricos e pirenaicos”, em que a reconquista “apresenta-se como uma busca de terras cultiváveis por parte de populações que, amontoadas nos seus confins famélicos, desafiam o perigo para se irem instalar nas planícies e vales da terra de ninguém fronteiriça” (BONNASSIE, 1985: 181). No entanto, a partir no século XI, a Reconquista assumiu seu caráter religioso tal como conhecemos, e foi no final do reinado de Afonso VIII (1158- 1214) que o caráter de “cruzada foi definitivamente associado à Reconquista” (COSTA, 2010: 2).

Foi o apoio papal que garantiu esse caráter religioso e sagrado, isto é, ao conceder apoio oficial da Igreja dando privilégios espirituais e materiais a todos que participassem da Reconquista (MORETTI JUNIOR; REIS, 2013: 3). Para o clero, era dever de todos os cristãos participar da reconquista, e o seu apoio “econômico e ideológico foi fundamental para os reinos cristãos” (MORETTI JUNIOR; REIS, 2013: 3). Porém, H. R. Lyon ressaltou outro ponto de vista igualmente pertinente; para ele, “a Reconquista deve ser interpretada no contexto de uma interação complexa de povos - cristãos, muçulmanos e judeus - que fez da Espanha uma das mais importantes fontes de vida intelectual e cultural na Idade Média central” (LYON, 1997:732).

Na Península Ibérica, a mentalidade de cruzada penetrou pouco a pouco por entre a nobreza, em parte graças à imigração de cavaleiros franceses, em parte graças à atuação da abadia de Cluny na difusão dessa mentalidade, sempre com o apoio do papado, em parte, devido à atuação das ordens militares, sempre prontas a difundir o novo ideal cavaleiresco do monge-cruzado. (COSTA, 2010: 2)

Esses movimentos de reocupação na região peninsular não foram apenas de vitórias, “a reconquista cristã, iniciada no extremo norte, apesar de muitos reveses e humilhações, progredia lentamente” (BLOCH, s/d: 22), devido à resistência dos muçulmanos que ocupavam a região da Península Ibérica desde o VIII século, quando os árabes chegam à região e transformam a Hispânia visigótica em Al-Andaluz (LEMOS, 2010: 28).

Durante o período conhecido como *Reconquista*, nota-se uma unidade relativa entre os reinos que em alguns casos são firmadas por meio do matrimônio, já que “no decorrer destas campanhas, castelhanos, aragoneses, navarreses e portugueses

prestavam uns os outros ajuda e socorro, confortados pelas bulas papais que assimilavam a reconquista às cruzadas” (RUCQUOI, 1995: 171).

VIDA E OBRA DE RAMON LLULL

Neste contexto, é possível abordar a produção e as reflexões de Ramon Llull, um grande escritor de sua época, fruto da expansão comercial catalã e das migrações provenientes desse crescimento. Maiorca, região originária do erudito, recebeu forte influência judaica e muçulmana, o que possibilitou ao filósofo atingir uma visão “privilegiada das culturas judia e muçulmana, tornando-o um dos escritores e filósofos medievais melhor preparados para abordar o tema do diálogo inter-religioso, assunto em voga nos círculos intelectuais de então” (COSTA, 2006: 3).

De família rica devido às recompensas que seu pai recebeu por ter participado da conquista da ilha de Maiorca, Ramon recebeu uma educação cavalheiresca e cortesã, por ser “parte da corte de Jaime I e mais tarde como senescal de seu filho Jaime II” (COSTA, 2006: 3). Renomado escritor da sua época, Llull escreveu mais de 250 livros divididos em assuntos antes de sua conversão em que ele “nos apresenta essa primeira metade de sua vida como dissoluta e mundana, pois escrevia vãs canções e se dedicava a outras coisas lascivas desse mundo” (COSTA, 2006: 3) e os escritos após sua conversão que tinha como fundamento “uma filosofia de conversão, enfocada para a ação e a observação da realidade concreta, e com o objetivo último de provar racionalmente a existência da Santíssima Trindade aos infiéis” (COSTA, 2006: 5).

Sua conversão ocorreu por volta de seus trinta anos de idade. Llull recebeu cinco visões do Cristo crucificado: primeiro uma e algum tempo depois recebeu mais quatro. Ele interpretou essas visões como um chamado de Deus para abandonar sua vida mundana e se dedicasse ao serviço do Senhor. Mas sua conversão se deu efetivamente após ouvir de um bispo um sermão que contava sobre a vida de São Francisco. Esse sermão contava como São Francisco abandonou a vida mundana para dedicar-se aos serviços de pregar a palavra da salvação. Em seguida, Llull vendeu maior parte de seus bens deixando uma pequena parte para sua esposa e filhos e passou a viver uma vida humilde e de dedicação ao chamado recebido do Senhor.

Entre os livros que o filósofo Ramon Llull escreveu, o livro *Doutrina para Crianças* (c. 1274-1276) foi considerado “a primeira síntese do pensamento luliano”

(COSTA, 2006: 140), pensado assim por resumir o pensamento medieval, especialmente do século XIII com foque no Cristianismo que era muito presente.

Llull ficou conhecido em sua época pela sua forma de escrever. Seu livro *Doutrina para Crianças (c. 1274-1276)* tornou-se um manual pedagógico em que ele escreve normas de conduta que o cristão deve possuir. Usando seu filho Domingos como figura dialógica, a quem a obra foi destinada, o filósofo ensinou tanto seu filho como os demais cristãos a viver uma vida de devoção e gratidão a Deus.

Ensinando o caminho da salvação a seu filho, podemos observar que Llull segue o princípio bíblico de educar a criança no caminho que deve andar como está escrito nas escrituras no livro de Provérbios: “Ensina a criança no caminho que deve andar, e mesmo quando for velho não se desviará dele” (Pv 22:6). Desta forma, Ramon escreveu que é necessário que o pai ensine seu filho sobre as coisas divinas, pois assim este adquire o conhecimento que vem de Deus, a sabedoria do Espírito Santo. Assim, Domingos seguiria o caminho da salvação, que é conhecer a Deus, e poderia viver na glória celeste quando o fim dessa vida chegasse. Após aprender sobre essas coisas, o pai deve ensinar ao seu filho sobre as ciências dos homens. Os primeiros ensinamentos que o pai deve dar a seu filho é que ele deve aprender a amar e temer ao Senhor sobre todas as coisas. Ademais, o propósito de escrever um livro desta natureza era para que “o homem mostre a seu filho a forma de cogitar a glória do Paraíso e as penas infernais” (RAMON LULL, 2010: 5), pois assim ele aprenderia a amar e temer a Deus.

Segundo Llull, antes da criança aprender sobre as ciências, “o homem deve mostrar a seu filho as coisas que são gerais no mundo para que ele saiba descer até as especiais” (LLULL, 2010: 5), ou seja, ela precisa aprender a ler e entender o que leu. Deste, modo, ela pode receber indicações de livros que mostrem o caminho divino, para assim elevar seus pensamentos a Deus, desejar servir e amá-lo acima de tudo. Ademais, ela não perderia tempo com coisas profanas, pois a vida é curta e “a morte se aproxima de nós todos os dias” (LLULL, 2010: 5).

Educar a criança no caminho divino significa ensinar as virtudes de Deus, isto é, o conhecimento das coisas boas, uma vez que a crianças desde muito pequenas são acostumadas “à boa educação ou à má” (LLULL, 2010: 78). Para o Filósofo, há dois tipos de educação: a que pertence ao corpo e a que diz respeito à Alma. A do corpo está relacionada aos cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato. E a educação da

Alma “é feita nas três propriedades da alma, isto é, na memória, no entendimento e na vontade” (LLULL, 2010: 78).

Conhecer a Deus é o ponto central na Doutrina. Conhecer a perfeição e a eternidade é a maior honra que o homem pode ter, pois não há nada melhor e mais perfeito que conhecer a Trindade e agradar o Senhor. Satisfazer a alma é cumprir os mandamentos divinos ao se afastar do mal. Menosprezar a glória terrena é o caminho para contemplar a glória sem fim, a eternidade ao lado de Deus: “o Paraíso é ver Deus e estar com Ele em glória” (LLULL, 2010: 88).

APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para analisar a obra, utilizei o conceito de *representação* e a metodologia intitulada como *análise semântica*. O primeiro tomou como parâmetro as constantes reformas e revisões propostas pelo movimento dos Annales; graças aos historiadores afeitos a esta corrente, era preciso considerar qualquer indício produzido pelo homem como fonte histórica, ampliando em grande medida o campo de estudos (KARNAL; TATSCH, 2009: 14).

Essas novas fronteiras romperam com os limites do que seria um documento, por necessidades de abordagens e pelos problemas que os historiadores desejavam compreender. Desapareceu, portanto, a ideia do documento único e surgiu, assim, uma série de possibilidades documentais para o historiador.

Com a *Nova História Cultural*, o leque de possibilidades cresceu mais ainda, com especial atenção aos teóricos culturais, principalmente o historiador Roger Chartier, considerado um historiador da quarta geração dos Annales e um dos mais renomados historiadores das últimas décadas. Ele é o autor do livro *A História Cultural: entre práticas e representações*, publicado em 1999, obra que sintetiza a ideia do autor sobre o conceito de prática e representação e sua contribuição para os estudos da História Cultural.

De forma sintética, as representações e práticas são resultados de motivações sociais. A noção de representação inclui modos de pensar e agir, seja de representação coletiva ou não, mas que não se restringem apenas a esse modelo. O processo de confecção de um quadro ou a escrita de um poema pode ser uma representação expressada por meio de objeto. O campo das representações traduz as mentalidades da

realidade que se externa e está no processo de abstração. A representação seria o meio de preencher as lacunas deixadas pela história das mentalidades (BARROS, 2011: 51-52).

O discurso, assim, é uma representação social não neutra, que carrega noções ideológicas que tenta impor ou justificar algo a um determinado grupo. Desta forma, as lutas entre representações, segundo Chartier, foram consideradas mais importantes que as lutas econômicas, pois as representações são mecanismo para se entender as imposições de um grupo sobre outro e suas concepções sociais. As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam (CHARTIER, 1990: 17).

Ademais,

O discurso pode ser definido de diferentes modos — como sinônimo de fala (uso contingente da língua) em oposição a língua (sistema estruturado de signos); como unidade linguística maior do que a frase — torna-se então sinônimo de mensagem ou enunciado; como conjunto das regras de encadeamento das frases ou grupos de frases que compõem um enunciado; ou como o enunciado visto a partir das condições de produção — linguísticas e sociais — que o geraram (CARDOSO; VAINFAS, 1997: 538).

Partindo dessa colocação, o discurso, como um enunciado observado segundo aqueles que o produzem, seja linguística ou social, dependendo de seu papel ou importância social e/ou cultural, pode ser caracterizado como uma representação. Destarte, a autora Lynn Hunt adverte que os historiadores culturais devem ter cuidado com os documentos, pois estes documentos descrevem ações simbólicas do passado e, por não se tratarem de discursos transparentes, carregam variadas intenções e estratégias dos autores, sendo tarefa do historiador criar meios para lê-los e interpretá-los. (HUNT, 1992: 18). Deste modo, a História é sempre texto, ou mais amplamente, *discurso*, seja ele escrito, iconográfico, gestual etc., de sorte que somente através da decifração dos discursos que exprimem ou contém a história poderá o historiador realizar o seu trabalho. (CARDOSO; VAINFAS, 1997: 540).

A autora Andréia Silva discutiu certa vez sobre algumas técnicas de análise do corpo documental; das técnicas apresentadas por ela, a leitura a partir de palavras é a

melhor a ser aplicada no caso de estudos relacionados a noções ou conceitos abstratos, sendo aplicável a qualquer tipo de texto e análise, seja qualitativa ou quantitativa. (SILVA, 2005: 147). Desta forma, as palavras escolhidas nortearam a pesquisa sobre a representação da morte, em que elas estão relacionadas em uma rede de associação.

As fontes literárias, assim como as artísticas, possibilitam entrever como em determinado tempo o homem via a sociedade, a si próprio e como ele pensava a realidade física e espiritual. Desta forma, Le Goff chamou atenção deu importância aos textos literários, considerando como fonte importante para se compreender o pensamento medieval (MATEUS, 2014: 330).

Para tanto, escolhi as palavras-chave que fomentam a compreensão do significado da morte na concepção de Ramon Llull. As palavras escolhidas estão diretamente ligadas ao tema da morte; segundo o modelo de J. Dubois, esses termos não devem ser encontrados em um sistema isolado, mas que sejam unidades interligadas dentro de um contexto que pode ser de forma a concordar ou se opor entre si (CARDOSO; VAINFAS, 1997: 544), ou seja, não podem ser escolhidas aleatoriamente.

Esse modelo de interligação entre as palavras dentro do discurso pode ser relacionado de três formas: por meio de relações de oposições, relações de associações ou relações de identidades. Das três redes de relação, duas poderiam ser usada durante esta análise do documento: a relação de oposição e a relação de associação.

Desta forma, o procedimento metodológico escolhido para a elaboração deste trabalho foi a análise semântica, que é a análise de conteúdo. Por meio desta metodologia, descreverei o que Ramon Llull escreveu sobre a morte, ou seja, sua representação dentro da obra que dedicou a seu filho com o título *Doutrina para Crianças*, escrito no século XIII.

SOBRE O MORRER

A tradição cristã estabeleceu que a morte chegou ao mundo por meio do pecado, como consta na passagem do livro de Romanos 6, 26: “Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor”. Assim, no escopo do texto neotestamentário, há uma intrínseca relação entre pecado, morte e remissão dos erros terrenos.

De fato, a preocupação com a morte acentuou-se com as pregações das ordens mendicantes nos últimos séculos da Idade Média, que atribuíram grande “valor ao pensamento” (HUIZINGA, s/d: 104) neste momento paradoxal da vida. A morte na Idade Média era o grande momento de transição, onde a pessoa deixa de viver as coisas passageiras para viver as eternas (COSTA, 2014: 2). Era um momento de espera, um ritual coletivo, uma cerimônia pública compartilhada pela família e pela sociedade. A angústia dos cristãos era maior se determinada pessoa não estava pronta para morrer: a maior preocupação era a salvação da alma:

A morte é um dos fatores primordiais que leva a humanidade a busca constante do mistério da alma, uma perspectiva religiosa que se formula ao longo da existência; pois a alma não pode entrar no “reino dos céus” por outro caminho se não aquele determinado pela religiosidade de cada indivíduo que se conduz pela fé. (CAETANO, 2012: 29).

Deste modo, a morte biológica não era a maior preocupação, mas a danação após o fim desta vida. A mensagem cristã acentuava que “o homem, para ter uma boa morte, deveria controlar e disciplinar os desejos do corpo” (CAETANO, 2012: 11). O medo de não estar pronto para a derradeira hora guiava o homem medieval no cotidiano, um elemento que poderia servir ao controle social. O ato de voltar-se para Deus, assim, levava o homem medieval às “manifestações de piedade, praticando todas as normas consideradas sagradas, inibindo as fantasias, a luxúria e ‘todos os desejos da carne’”. (CAETANO, 2012: 32)”.

As incertezas da vida levavam os medievais a estarem preparados a todo tempo: “o homem medieval utilizava sua fraqueza, tendo como base o medo da morte, da fome, do purgatório e do inferno, para produzir sua força, desejo e motivação de praticar o ‘bem’ afirmando a cada dia a fé em Deus.” (CAETANO, 2012:39). Destarte, ele estaria preparado e aguardaria a morte em seu leito com mais alívio, diminuindo a pressão relacionada com a passagem do mundo terreno para o além (CAETANO, 2012: 40).

Não se tratava, é claro, de resistir à morte, que certamente chegaria para ricos e pobres, fortes e fracos, poderosos e submissos, puros e pecadores. Fazia-se necessário, em realidade, se preparar antecipadamente para sua vinda. (MUNIZ, 2009: 305).

Para Ramon Llull, temer a morte corporal era algo natural. Mas o temor da morte por medo de servir a Deus era o pior temor que se podia ter, pois a morte a serviço de Deus é uma honra e louvor, um produto do Espírito Santo,

Filho, sabes por que a morte é temível? Porque não podes fugir dela e não sabes quando ela te levará. Assim, se temes a morte, que não pode te matar, mas somente teu corpo; temerás a Deus, filho, que pode colocar teu corpo e tua alma no fogo perdurável (Llull, 2010: 31).

A morte é, nesses termos, a separação do corpo e da alma, do corporal do espiritual. O autor apresentou duas mortes: “a morte corporal aproxima a alma virtuosa de Deus, que vai para o Paraíso quando o corpo morre. E a espiritual que existe na alma pecadora aprisiona o corpo para suportar o eterno fogo infernal, e o submete a infinitos trabalhos.” (LLULL, 2010: 76).

Ramon Llull aconselhou seu filho a pensar na morte para assim desdenhar os desejos mundanos: não se sabe quando a hora irá chegar, pois, pior que morrer uma vez, é morrer todos os dias no fogo infernal. Da morte corporal o homem não pode se livrar, mas a “morte da alma” é evitável. O homem foi criado para honrar a Deus, e pensar na morte o inclinava a viver para servir a Ele.

Filho, a ti convém morrer, queiras ou não. Logo, como tens que morrer, queiras morrer para honrar aquele Senhor que te criou, que te deu tudo quanto existe, que pode te dar o fogo perdurável, que quis te dar a glória que não tem fim e que por teu amor quis morrer. (LLULL, 2010: 12).

Na *Doutrina para Crianças*, Ramon Llull, numa linguagem simples, descreveu o caráter de Deus, suas qualidades, a perfeição que há Nele. Desta forma, ele ensinou seu filho Domingos a amá-lo e teme-lo. Agradar a Deus para que ele agrade as pessoas, e para que elas reconheçam-no por aquilo que Deus criou nele, sempre atento a Cristo, ao sacrifício que ele fez para salvar o homem pecador. Por isso, ele ensinou seu filho a morrer pelo Senhor, e o ato de temer a morte seria porque as coisas deste mundo seriam mais importantes que as divinas: “Sabes por que tu não desejas morrer por Jesus Cristo? Porque a morte te dá pavor, e porque amas mais estar neste mundo que no outro”. (LLULL, 2010: 12).

Morrer seria a prática mais honrosa para o homem que dedicou seus dias à obediência divina, sacrificando os desejos da carne. O Além é o lugar preparado para as pessoas que temeram ao Senhor, uma recompensa eterna para aqueles que obtiveram a salvação da alma. Mas para aqueles que temem a morte corporal e se orgulham das práticas profanas, está reservado o fogo infernal.

Amável filho, assim como é boa coisa considerar a Glória do Paraíso para que o homem ame a Deus, é boa coisa considerar as penas infernais para que o homem tema a Deus, que pode dá-las a quem quiser. Logo, como tu temes a Deus, desejo mostrar que deves cogitar as penas infernais de diversas maneiras. (LLULL, 2010: 87)

Para os que viveram dignamente, obedecendo os mandamentos, há o Paraíso, de onde vem a verdadeira recompensa. Tal recompensa viria com salvação da alma que incentivava as pessoas se tornarem cada vez mais devotas, isto é, a se prepararem para morte: “Saibas filho, que a morte natural não rende frutos nem recompensa, aquele que ama não sabe morrer e quem tem medo de morrer não está em estado de salvação” (LLULL, 2010: 13).

De acordo com o Filósofo, o que lhes garantia tal recompensa pela vida devota a Deus era o que Cristo fez pelos homens. Em suma, Deus tornara-se homem, passara pelas tentações mundanas, e vencera cada uma delas, como nos quarentas dias no deserto, ao sofrer a tentação satânica. Por fim, Jesus foi levado à morte, ressuscitou e teve seu corpo glorificado. Para ser exato, ele estava na glória com o Pai, pois este mundo de pessoas impuras e corruptíveis não seria digno de tê-lo.

Na ascensão do Filho de Deus está significada a ascensão e a elevação que o teu corpo terá no céu, filho, no dia do juízo, se fores neste mundo um servidor, amante e louvador do Filho de Deus. Pois assim como o Filho de Deus veio a este mundo tomar a nossa natureza e se elevar aos céus com ela, subirão aos céus todos os corpos daqueles e daquelas que neste mundo foram Seus servidores, que acreditaram na Sua encarnação e choraram para honrar Seus ornamentos. (LLULL, 2010: 14)

O desejo de estar com Ele no Paraíso e a ciência de que o tempo na terra era curto fez os homens da Idade Média fieis a praticarem a piedade, aspirando pelo descanso eterno ao lado do Salvador. Para explicar sobre a nobreza de ser salvo,

Ramon escreveu para seu filho sobre a escolha do filho de Deus que aceitou vir ao mundo como homem padecer a morte mais angustiante para que assim ele pudesse salvar o homem. Porém, Llull deixou claro que nenhum homem é digno de salvação por suas obras, pois Deus dá a salvação segundo sua vontade. O homem que se aproxima de Deus pelo interesse da salvação esse é hipócrita e isso é o oposto da salvação, assim é necessário que Deus deseje salvá-lo por meio de sua misericórdia.

Deus te deu a vontade livre para que sejas amante da salvação e desames a danação. Logo, assim como Deus deu a teu corpo todos os membros que pertencem ao corpo do homem, e deu à alma todas as potências que lhe convém, deu à tua vontade livre tudo o que pertence para desejares a salvação e odiares a danação, para que desejes receber a salvação tão somente pelos dons de Deus. (LLULL, 47)

Em suma, o caminho da salvação é uma escolha que o homem deve fazer, pois segundo a citação a cima, o homem é livre para escolher o caminho que deve seguir, e por isso Llull ao escrever sobre as virtudes lembra seu filho o que vai receber por escolher o caminho da salvação ou o caminho da danação. Mas seu maior interesse é que seu filho não desperdiçasse seu tempo com coisas passageiras e prepare-se para a salvação em Deus Cristo Jesus.

A salvação é a virtude de Deus para aqueles que escolheram ter as sete virtudes que são do homem. E o homem que pensa ter a salvação por seus próprios meios é tão errado quanto aquele que pensa na danação por suas escolhas danosas. Mas o dom da salvação é dado por Deus para aqueles que são humildes para reconhecer seus erros e mesmo assim escolheram o caminho da misericórdia.

Muito piedoso, Llull tentou ensinar a seu filho o caminho da bondade, da compaixão, a ter uma vida humilde para que assim não desperte a ira de Deus. Quando chegasse a hora, o momento que ninguém sabe quando virá, era preciso que ele estivesse preparado para obter a salvação de sua alma e receber a maior recompensa divina esperada pelos crentes: o eterno refrigério, a companhia do Deus trino e dos salvos.

A fé era indubitavelmente um dos fundamentos do período medieval. O medo, por sua vez, foi um dos fatores mais relacionados com a crença no divino. O medo da morte não era um medo sem controle, mas que pesava quando se tratava da morte da

alma, a maior preocupação. Na obra *Doutrina para crianças*, o filósofo tratou sobre as qualidades que seu filho deveria ter, o caminho que agradaria a Deus.

Ramon Llull se converteu por volta de seus trinta anos, passou parte de sua vida voltada para as coisas passageiras do mundo, dessa forma, ele escreveu para seu filho sobre a importância de crer em Deus e dedicar toda a vida em louvor a Ele, desde criança até a idade adulta, para que ele não desperdiçasse seu tempo com coisas sem valor e estivesse a todo o momento pronto para ver a glória do Paraíso quando a morte chegasse.

A vida, portanto é dominada pelo pensamento da morte, e uma morte que não é o horror físico ou moral da agonia, mas sim a ausência de vida, o vazio da vida, cuja incitação envolve a razão a não lhe apegar, existindo uma relação estreita entre o bem viver e o bem morrer. (CAETANO, 2012: 37)

O medo de não estar pronto para deixar este mundo era compartilhado entre os homens e servia para ajustar as atitudes sociais. Na *Doutrina para Crianças* de Ramon Llull, percebemos a preocupação de um pai com a educação de seu filho, tanto na dedicação quanto pelos temas evocados: a devoção a Deus e a salvação da alma são os focos principais do autor.

Enquanto os demais pregadores voltaram seus discursos para lembrar o homem sobre a existência do inferno, Ramon Llull dedicou seu livro a falar sobre a importância de temer a Deus e obedecer a seus mandamentos e assim ter as virtudes que agradam ao Senhor para o dia que a morte chegasse ele pudesse alcançar a salvação de sua alma. A alma era um tema muito citado em seus escritos, pois muitos não conseguiam conhecê-la por ser invisível aos olhos, ao citar a alma ele faz com que o homem passe a percebê-la. Notamos que o filósofo expressa a importância de cuidar do coração e da alma, pois no fim de tudo, a alma do homem que receberá conforme suas obras a recompensa de Deus que “pela virtude e pelo milagre de Deus, que deseja recompensá-lo no Paraíso, no Purgatório ou no Inferno” (LLULL, 73).

Para além da contribuição pedagógica, religiosa e filosófica, percebe-se ainda um reforço dos espaços imateriais ou espirituais, a saber, o Purgatório, o Inferno e o Paraíso. A alusão aos espaços, seus sofrimentos e suas características, produzidas por Llull e outros escritores da época, ajudaram a forjar concepções de longa duração, que

ainda afetam o horizonte e o discurso religioso contemporâneo, assim como os argumentos usados para compelir a conversão de indivíduos e a obediência destes aos preceitos religiosos das diferentes religiões cristãs.

Considerações finais

Estudar as perspectivas da morte na Idade Média pode causar estranheza para um historiador da sociedade contemporânea. Mas é preciso lembrar que a morte, fenômeno biológico, social e cultural, foi tratada de diferentes formas ao longo da História. Tema bastante explorado nos últimos tempos, o uso dos textos literários foi de grande auxílio para refletir sobre morte na sociedade medieval catalã, mesmo que o tema não tenha sido esgotado.

O filósofo Ramon Llull abordou e retomou o tema da morte em várias obras de sua autoria, pois ele acreditava que um de seus objetivos ao ser chamado por Deus era tornar-se uma espécie de mártir, um exemplo de conduta e vida para os demais cristãos, simbolizado pelo constante sacrifício e pela retidão.

Portanto, a preparação para a morte era o verdadeiro exercício da filosofia, e especialmente da filosofia cristã: meditativa, a alma do crente se encontrava em si mesma e tinha consciência do permanente exílio que significava viver nesse tempo fugaz e habitar a frágil moradia terrena, o corpo. Os filósofos estavam naturalmente mais preocupados sobre as questões universais em torno da morte. Porém, foi o cristianismo e a filosofia cristã, no Ocidente, que mais se aprofundaram as reflexões sobre o tema. Hugo de São Vitor, por exemplo, ainda no século XII, escreveu que a filosofia implicava na meditação sobre a morte, pois como os crentes desprezavam a vida terrena e passageira, estavam diretamente preocupados com a vida futura e eterna.

Fontes Primárias

Bíblia de Jerusalém. Edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus Editora, 2003.

JAUME I. *Llibre dels fets: Ms Mallorquino*. Tradução e notas pelos profs. Dr. Ricardo da Costa e Dtdo. Renan Birro (no prelo). Alicant: IVITRA/ED. Universitat d'Alicant, 2016).

LLULL, Ramon. *Vida Coetânia*. Tradução e notas do prof. Dr. Ricardo da Costa. Disponível em < <http://www.ricardodacosta.com> >. Acessado a 14 de Junho de 2015.

LLULL, Ramon. *Doutrina para Crianças (1274-1276)*. Trad. De Prof. Dr. Ricardo da Costa e grupo de Pesquisa Medievais da UFES III. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio (Ramon Llull). Disponível em: < <http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/doutrina.pdf> >. Acessado a 20 de Fevereiro de 2014.

LLULL, Ramon. *Libre de Doctrina Pueril del B. Mestre Ramon Llull*. Barcelona (s/d).

Bibliografia

ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BARBAGLIO, Giuseppe. *As Cartas de Paulo, I - Tradução e comentários*. São Paulo: Loyola, 1989.

BONNASSIE, Pierre. *Dicionário de História Medieval*. 1ª Edição. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1985.

BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: _____. **O poder simbólico**. 2ª ed. Trad. Fernando Thomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 7- 16.

_____. A identidade e a representação- Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de religião. In: _____. **O poder simbólico**. 2ª ed. Trad. Fernando Thomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p.107- 131.

BURKE, Peter. **O Que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. Prefácio. In: _____. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989**. Tradução Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 7 - 10.

CAETANO, Dhiogo José. **O medo da Morte na Idade Média: uma visão coletiva do ocidente**. Belém: LiteraCidade, 2012.

CHARTIER, Roger. Do social ao cultural. *In*: _____. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 33-43.

COSTA, Ricardo da. **A experiência religiosa e mística de Ramon Llull**: a Infinitude e a Eternidade divinas no Livro da contemplação (c. 1274). Disponível em: < <http://www.ricardocosta.com/artigo/experiencia-religiosa-e-mistica-de-ramon-Llull-infinidade-e-eternidade-divinas-no-livro-da> > Acessado a 29 de Março de 2015.

_____. **A meditatio mortis no livro do homem (1300) de Ramon Llull**.

_____. **Amor e Crime, Castigo e Redenção na Glória da Cruzada de Reconquista**: Afonso VIII de Castela nas batalhas de Alarcos (1195) e Las Navas de Tolosa (1212). *In*: OLIVEIRA, Marco A. M. de (org.). **Guerras e Imigrações**. Campo Grande: Editoria da UFMS, 2004, p. 73-94. Disponível em: < www.ricardocosta.com/pub/amor_crime.html >. Acessado a 29 de Março de 2015.

_____. **A morte e as Representações do Além na Doutrina para Crianças (c. 1275) de Ramon Llull**. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/morte-e-representacoes-do-alem-na-doutrina-para-criancas-c1275-de-ramon-Llull>, 2014.

DUBY, Georges. O medo do outro *In*: _____. **Ano 1000, ano 2000**: em busca dos nossos medos. São Paulo: Ed. UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999, pp. 49-69.

DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. **A Espanha medieval, fronteira da cristandade**. (trad. L. Jean Lauand). Disponível em: < <http://www.hottopos.com/mirand10/reboiras.htm> >. Acessado a 21 de Janeiro de 2015.

HUIZINGA, Johan. A visão da Morte. *In*: HUIZINGA, Johan. **O Declínio da Idade Média**. Lisboa: Ed. Ulisseia, 2ª ed. s/d., p. 104-113.

_____. **O Outono da Idade Média**. São Paulo: Cosac Naify3, 2010.

HUNT, Lynn. Apresentação: História, cultura e texto. *In*: _____. (org.) **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 1-29.

Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio (Ramon Llull). Jaime I, o Conquistador (1213-1276). Disponível em: < http://www.ramonLlull.net/sw_instituto/l_br/jaumeconquistador.htm >. Acessado a 30 de Outubro de 2014.

- LAWERS, Michel. Morte e mortos. In.: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Org). **Dicionário temático do ocidente medieval**, Vol. I. São Paulo: Edusc / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.
- LE GOFF, Jacques. A formação da cristandade (séculos 11-13). In: _____. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru: Edusc, 2005.
- LE GOFF, Jacques. Além. In: _____.; SCHMITT, Jean-Claude (Org). **Dicionário temático do ocidente medieval**, Vol. I. São Paulo: Edusc / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.
- LE GOFF, Jacques. Introducción. In: _____. **Los Intelectuales De La Edad Media**. Barcelona: Editorial Gedisa, S.A. Muntaner, 1996.
- LE GOFF, Jacques. A bela Europa das cidades e das universidades, século XIII. In: _____. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- _____. **A bolsa e a vida: a usura na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- LOYN, Henry R. Reconquista. In: _____. **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 732-733.
- MARTINS, Dayse Marinho. Tempo e narrativa na educação em Ramon Llull: Doutrina para crianças (1274-1276). In: ZIERER, Adriana, VIEIRA, Ana Lúvia Bomfim & ABRANTES, Elizabeth Sousa (orgs). **Nas trilhas da Antiguidade e Idade Média**. São Luíz: Editora UEMA, 2014, p. 155 – 160.
- MATEUS, Natasha Nickolly Alhadef Sampaio. A importância da salvação para o homem medieval: Paraíso *versus* Inferno na obra *Felix, O Livro das Maravilhas* (1287-1288). In. ZIERER, Adriana, VIEIRA, Ana Lúvia Bomfim & ABRANTES, Elizabeth Sousa (orgs). **Nas trilhas da Antiguidade e Idade Média**. São Luíz: Editora UEMA, 2014, p. 329-334.
- MIRALLES, Isabel Mira. **Muerte que a todos convida: La muerte en la literatura hispánica medieval**. RLLCGV, XIV. 2008-2009, p. 291-326.
- SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Uma proposta de leitura histórica de fontes textuais em pesquisas qualitativas. **Revista Signum**, 2015, vol. 16, n. 1. p. 131 – 153.
- SOUTHERN, R. W. **A Igreja Medieval**. Penguin Books, 1970.